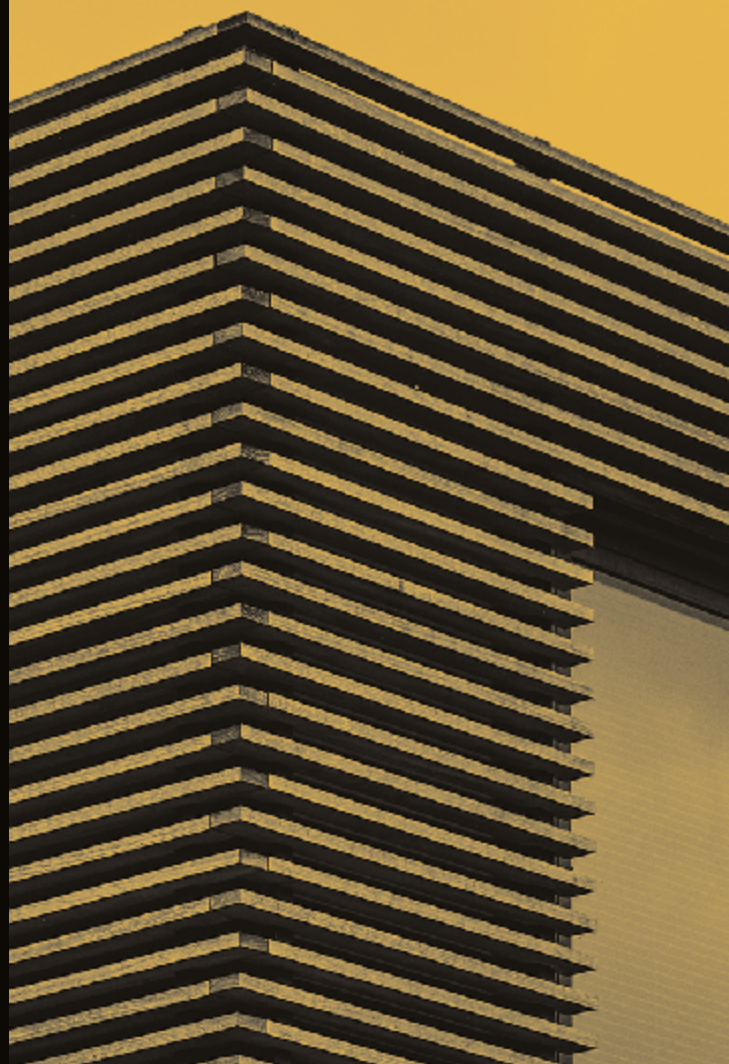


boletim

**mercado &
perspectivas**

abril 2021



**CENÁRIO
INTERNACIONAL**

**CENÁRIO
ECONÔMICO
NACIONAL**

**CENÁRIO
POLÍTICO
NACIONAL**

**PRINCIPAIS
INDICADORES
E PROJEÇÕES**

CONCLUSÃO



ECONOMIA EMPRESARIAL
E POLÍTICA

Conselho FecomercioSP

FECOMERCIOSP



cenário internacional

A EXPECTATIVA É de forte crescimento das economias desenvolvidas. A pandemia colocou todos os países no mesmo ponto de “baixa”, ajustando a posição dos ciclos. As políticas fiscal e monetária, além da vacinação, fazem o crescimento ser o cenário vigente, principalmente para os Estados Unidos e a China, que representam metade do Produto Interno Bruto (PIB) mundial.

NO MERCADO NORTE-AMERICANO, a preocupação é com a inflação, uma vez que o pacote econômico – que injetará US\$ 1,9 trilhão na economia – poderá fazer com que o PIB efetivo fique acima do potencial, com possibilidade de causar inflação de demanda.

POR OUTRO LADO, o Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, sinaliza que vai se basear na divulgação de dados, e não de expectativas. A percepção corrente na autoridade monetária daquele país é de que a política da área errou no período pré-covid-19 por ser conservadora demais; dessa forma, não conseguiu trazer o mercado de trabalho para um ponto “ótimo”, principalmente para os mais pobres. Isso justifica a nova política de mirar uma meta de média de inflação de dois anos – e não a corrente.

ASSIM, MESMO COM a inflação do Índice de Preços ao Consumidor (CPI, na sigla em inglês) atingindo 2% perto da reunião do Comitê Federal do Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês), o Fed deve manter a atual política monetária. A revisão de compras de ativos deverá ocorrer somente em 2022.

O PROJETO DE INFRAESTRUTURA terá menos efeito negativo na inflação do que o pacote de injeção de recursos diretos, pois há um horizonte temporal de dez anos e com *funding* de impostos corporativos mais altos. Os alvos do pacote são transportes, manufatura e comunicações. O valor total pode chegar a U\$ 3 trilhões.

A EUROPA, por sua vez, apresenta dificuldades com a vacinação: está aproximadamente quatro meses atrás dos Estados Unidos e deve atingir uma quantidade relevante da população apenas em setembro. A inflação pode aumentar, mas deve ser tolerada pelo Banco Central Europeu (BCE).

NA CHINA, há preocupação com o excesso de alavancagem. O banco central do país já está sugerindo aos bancos diminuir as velocidades de expansão e crédito, uma vez que a dívida das empresas não financeiras já atinge quase 125% do PIB. A nova meta de crescimento de, 6%, já leva em conta a necessidade de desaceleração do crescimento.

NO SETOR IMOBILIÁRIO chinês, já são latentes alguns *defaults* que preocupam o governo. Por enquanto, o problema é localizado, mas pode se tornar preocupante futuramente, se não houver medidas de enfrentamento. Num cenário de longo prazo, mantém-se a expectativa de um crescimento mais moderado, mas que garantirá alguns anos de ciclo de alta das commodities.

UMA QUESTÃO que deve ser acompanhada: Taiwan produz mais de 80% de semicondutores da mais alta tecnologia e é alinhada aos norte-americanos, mas a China a tem como Estado rebelde. Isso deve trazer muita tensão para o cenário.



cenário econômico nacional

OS DADOS do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de crescimento do emprego no começo do ano, devem ser vistos com muita cautela. A mudança de metodologia com a utilização dos dados do eSocial; a não declaração de demissões por justa causa em razão de atrasos; e a Medida Provisória (MP) que obriga o trabalhador a ter estabilidade por um tempo podem ter inflado o indicador como reflexo da realidade do mercado de trabalho. Outro ponto importante é que empresas que vão à falência não apontam os desligamentos.

COM A MUDANÇA de metodologia, a comparação de números do Caged com informações do passado não faz sentido.

UM CENÁRIO mais pessimista aponta para taxa de desemprego de até 17% em 2021. O mercado de trabalho demanda auxílios do governo para que a situação na pandemia não fique ainda mais grave.

EM TERMOS de nível de atividade, março deve mostrar piora do cenário. A vacinação lenta e as medidas restritivas de isolamento impactarão a produção e as vendas, além de comprovar uma queda de PIB no primeiro e, provavelmente, no segundo trimestres.

A INDÚSTRIA ainda cresce, mas tem uma forte tendência de desaceleração. O setor é favorecido por um processo de reposição de estoque, uma demanda massiva do agronegócio e o aumento de exportações para a Argentina. A expectativa para os próximos meses é de resultados mais negativos.

UM CENÁRIO PESSIMISTA aguarda o segundo trimestre: em termos de impacto sobre a demanda, o auxílio emergencial atual é 85% menor que o do ano passado. Além disso, o recrudescimento da pandemia e a postergação de obrigações que venceriam em 2020 para este ano criam um ambiente de dificuldades às empresas, principalmente as pequenas e médias.

O ÍNDICE DE CONFIANÇA do consumidor continua em queda, revelando certo pessimismo, principalmente com as condições futuras.

ALÉM DISSO, o cenário mais otimista sobre a vacinação dá conta de que apenas no segundo semestre teremos a população adulta vacinada.

APESAR DOS NÚMEROS favoráveis da indústria de alimentos, com o emprego crescendo 1,2% na medição de setor no ano passado, este ano deve ser bem mais fraco. Alimentos e *food service* não têm perspectiva de elevação pela queda da renda.

AS CRISES sanitária, econômica e humanitária atingem, com mais severidade, trabalhadores de baixa renda, informais e pequenas e médias empresas.

NO AGRONEGÓCIO, as expectativas se mantêm positivas, com preços e câmbio favoráveis. Há, no entanto, preocupação com um eventual aumento da inadimplência.

NO MERCADO DE CRÉDITO, observa-se mais rigor na concessão de dinheiro por causa das perspectivas de aumento do risco. Também há preocupação com a inadimplência.

EM TERMOS DE INFLAÇÃO, o choque de commodities e a base de comparação elevam a expectativa de variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), em 12 meses, para 7,5%, entre maio e junho, mas a inflação deve encerrar o ano em 5%. Vale observar que a aceleração da inflação até junho vai elevar o teto de gastos para 2022, em pleno ano eleitoral.

QUANTO AO CÂMBIO, o cenário macro é positivo, mas a desordem fiscal e a crise política trazem uma relevante chance de deterioração.

OS LEILÕES RECENTES de infraestrutura (Infra Week) ocorreram de forma satisfatória, mesmo no meio da pandemia. O ágio para aeroportos foi melhor que o esperado. O orçamento para a área de infraestrutura, porém, continua restrito.



cenário político nacional

O PAPEL DO INDIVÍDUO na conjuntura política brasileira disputa a cena com as instituições regulares e pode gerar mais instabilidade e problemas sérios do que bons resultados. Nos três poderes, há personagens individualistas exacerbados, mas o presidente é o que mais se destaca.

UMA NEGOCIAÇÃO OCULTA entre governo e “Centrão”, pelo visto, sem conhecimento do ministro Paulo Guedes, pode ser a razão do problema do orçamento. Para preservar as emendas parlamentares, a equipe econômica informa que o orçamento se torna fictício e inexecutável. Este rombo ameaça o teto de gastos e produz uma tensão com a base do governo, que ameaça não votar a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) Emergencial, nem a admissibilidade da Reforma Administrativa.

SEM O VETO do presidente às emendas extras da ordem de R\$ 16,5 bilhões, o ministro Paulo Guedes ameaça sair alertando para o risco de crime de responsabilidade quando as despesas obrigatórias são subdimensionadas.

A INSTALAÇÃO da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Saúde, por decisão do Supremo, está causando mais turbulência política na relação entre os três poderes tanto a respeito do seu alcance (federal/repasse para Estados e municípios), quanto sobre os temas prioritários para investigação, como compra de medicamentos inadequados (cloroquina) e negligência na compra de vacinas e equipamentos hospitalares.

O PRESIDENTE PROCURA dissimular a sua preocupação com a CPI tentando arrastar governadores e prefeitos para enfraquecer o discurso da oposição. Contudo, a história ensina que a melhor ação do governo em comissões como esta é defensiva e explicativa. Se partir para o ataque, pode aumentar o risco real sobre a gestão. É bom não desprezar a ideia de que ninguém controla CPI e de que o governo está sempre mais exposto do que a oposição.

A POPULARIDADE do presidente Jair Bolsonaro tem caído muito. Os ministros Rogério Marinho e Tarcísio Freitas dão os únicos “soluções” positivos de popularidade, o que enfraquece o ministro Guedes e os defensores do teto de gastos, que, talvez, seja o último esteio do governo.

GUEDES TEM RESISTIDO a reeditar o “orçamento calamidade”, mas outros estão forçando para que isso ocorra, incluindo praticamente todos os partidos. Se a resistência continuar, o cenário traçado pela maioria do Congresso é isolar o ministro da Economia. Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central (BC), aparece como o candidato mais provável.

O GOVERNO SE TORNOU vítima da radicalização e passou a selecionar aliados na “oligarquia” de negócios setoriais, que nem sempre tem compromisso social e visão geral do País, ao contrário da elite econômica. Começar a escolher aliados durante uma crise desta ordem é um problema a mais para administrar.

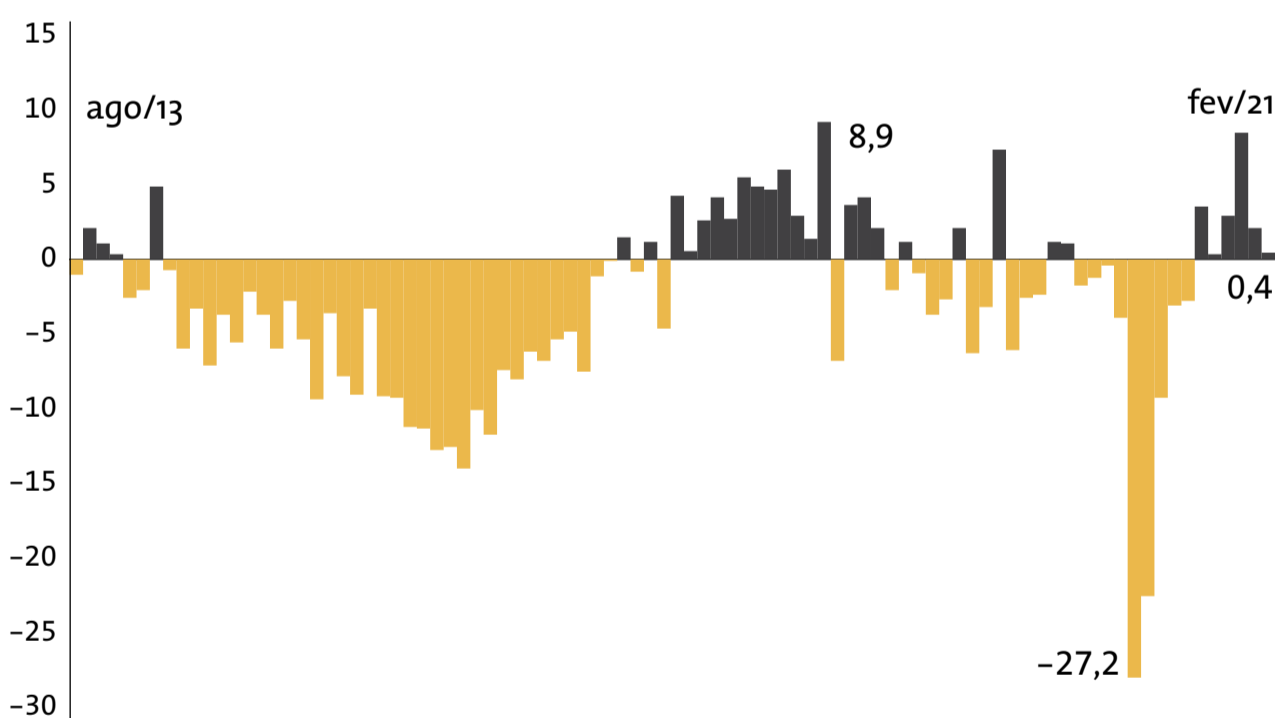
principais indicadores e projeções

INDÚSTRIA

CATEGORIAS DE USO	VARIÇÃO PORCENTUAL		
	FEV 21/FEV 20	ACUMULADO	
		NO ANO	12 MESES
Bens de capital	16,1	16,6	-7,3
Bens intermediários	0,5	1,7	-0,9
Bens de consumo	-3,2	-2,3	-9,0
Duráveis	-8,4	-6,3	-20,1
Semiduráveis e não duráveis	-1,6	-1,1	-5,9
Indústria geral	0,4	1,3	-4,2

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL – T/T-12



Ainda sem uma magnitude definida, a indústria teve a quinta alta seguida em relação ao mesmo mês do ano anterior. O segmento econômico cresceu 2% na última divulgação do IBGE, acumulando 4,3% de perdas em 12 meses. A melhor notícia de janeiro, no entanto, é o fato de que quem puxou a alta foram bens de capital, com 17% de crescimento. A queda acumulada em 12 meses é de 8,9%. É necessário acompanhar mais alguns meses para poder vaticinar a tendência de recuperação da indústria e sua magnitude.



SERVIÇOS

VARIAÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR

PMS		DEZ/20	JAN/21	FEV/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
	Brasil	-3,1	-5,0	-2,0	-3,5	-8,6
RESULTADOS	São Paulo	-3,5	-4,9	-0,7	-2,9	-8,1

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

SERVIÇOS	AC. ANO	AC. 12 MESES
TOTAL	-3,5%	-8,6%
SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS	-28,1%	-40,5%
Serviços de alojamento e alimentação	-28,4%	-41,8%
Outros serviços prestados às famílias	-26,1%	-33,2%
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	2,1%	-1,4%
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	4,9%	1,4%
Telecomunicações	-0,9%	-3,1%
Serviços de Tecnologia da Informação (TI)	15,5%	9,3%
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-18,3%	-20,5%
SERVIÇOS PROFISSIONAIS, ADMINISTRATIVOS E COMPLEMENTARES	-5,0%	-11,9%
Serviços técnico-profissionais	5,1%	-4,4%
Serviços administrativos e complementares	-8,4%	-14,6%
TRANSPORTES, SERVIÇOS AUXILIARES AOS TRANSPORTES E CORREIO	-2,2%	-8,2%
Transporte terrestre	-4,7%	-12,0%
Transporte aquaviário	4,9%	9,3%
Transporte aéreo	-26,6%	-42,2%
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	7,4%	3,5%
OUTROS SERVIÇOS	-0,9%	5,0%

Confira a tabela de serviços completa em:
<https://fecomsp.co/uMYFYI>

O setor de serviços foi (e ainda é) o mais afetado ao longo da pandemia, permanecendo sob fortes pressões. O desempenho negativo, mais intenso em janeiro do que no mês de dezembro, ficou mais ameno em fevereiro (-2%), o que, se não chega a ser motivo de comemoração, ao menos não confirma uma trajetória de deterioração no setor – já bastante combalido. O País perdeu mais de 40% do mercado turístico em 2020, bem como iniciou janeiro com queda ainda elevada neste mesmo patamar, próximo a -30%. A expectativa da **FecomercioSP** reiterada neste boletim vem se confirmando: este será, além do setor mais prejudicado, o que mais vai demorar a se recuperar, dada a tendência de mais conservadorismo por parte dos consumidores após o término da pandemia. Pode ser que o turismo de lazer tenha até um bom desempenho interno em virtude da demanda reprimida e do câmbio, mas só ao fim do ano, caso as projeções das autoridades de saúde forem se confirmando e a população recebendo a imunização.



VAREJO

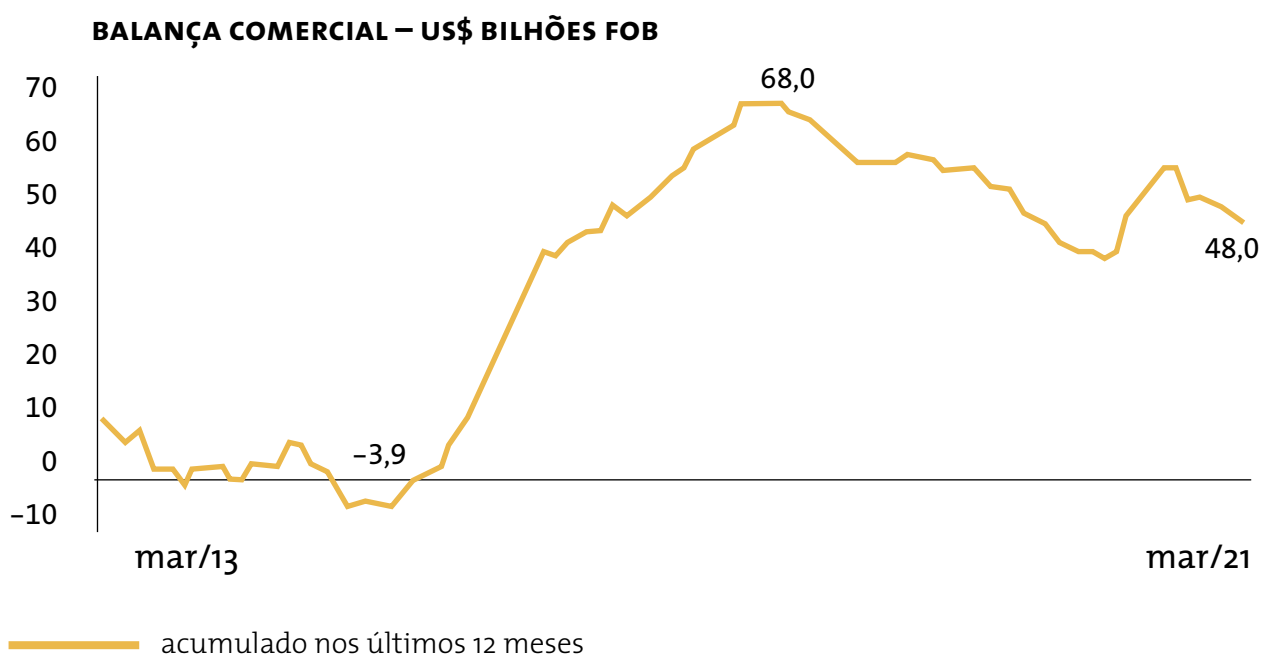
PMC		VARIÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			AC. ANO	AC. 12 MESES
		DEZ/20	JAN/21	FEV/21		
PMC NORMAL	Brasil	1,3	-0,4	-3,8	-2,1	0,4
	São Paulo	1,1	0,3	-1,8	-0,7	0,5
PMC AMPLIADO	Brasil	2,8	-3,1	-1,9	-2,5	-2,3
	São Paulo	2,3	-4,5	-2,9	-3,9	-4,4

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

O varejo vinha mostrando bons resultados nos últimos meses, mas em novembro e, em especial, em dezembro, perdeu tração; e em janeiro e fevereiro, caiu efetivamente. Este cenário não chega a surpreender, dado que a pandemia não terminou (ao contrário, intensificou-se neste começo de 2021), ainda cria restrições, pressiona o emprego e assusta o consumidor. Provavelmente, haverá mais algumas rodadas de auxílio, mas em um volume total de quatro a cinco vezes menor do que em 2020. Não há expectativa de melhora nos dados do primeiro trimestre, e, mesmo até o meio do ano, a tendência é de desempenho fraco sob muitas restrições, mas talvez com início de recuperação mais consistente.



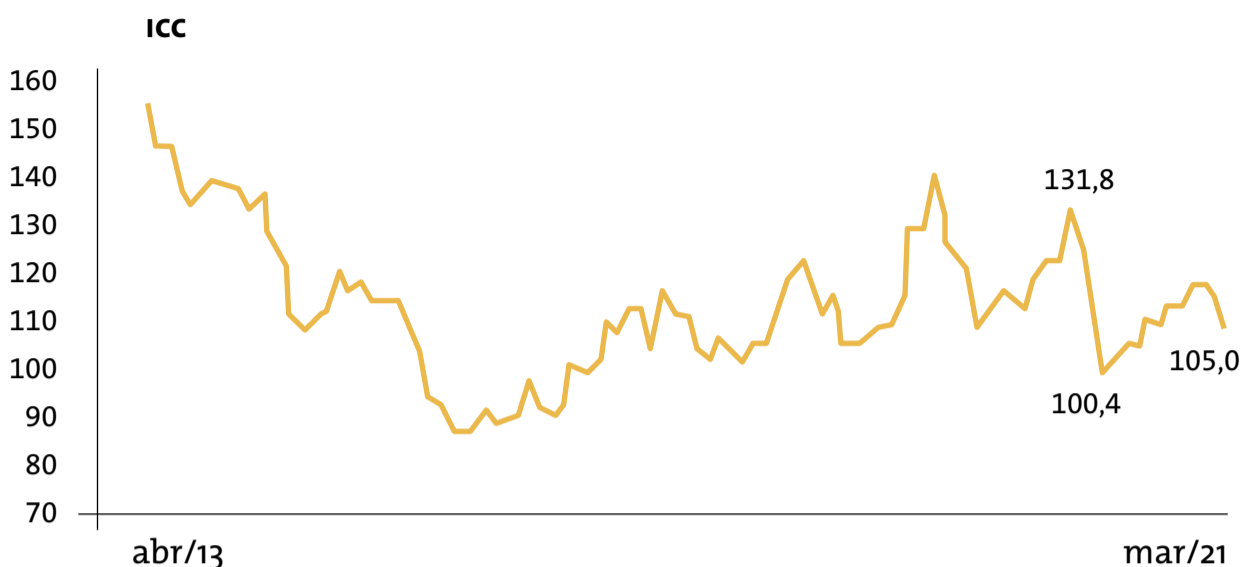
SETOR EXTERNO – BALANÇA COMERCIAL



A balança comercial desacelerou o superávit no começo de 2021, mas, ainda assim, deve ter desempenho positivo, com viés de baixa neste momento. Surpreende que, mesmo com a taxa de câmbio expressivamente desvalorizada em 2020 e começo de 2021, as importações tenham subido 23 %, enquanto as exportações, apenas 14 % nos três primeiros meses do ano. O ritmo da balança comercial ao longo do ano pode fazer com que o País mantenha superávits entre US\$ 35 bilhões e US\$ 40 bilhões, abaixo dos inicialmente US\$ 50 bilhões projetados para o ano. Esta dinâmica deve ser mais bem avaliada nos próximos meses.



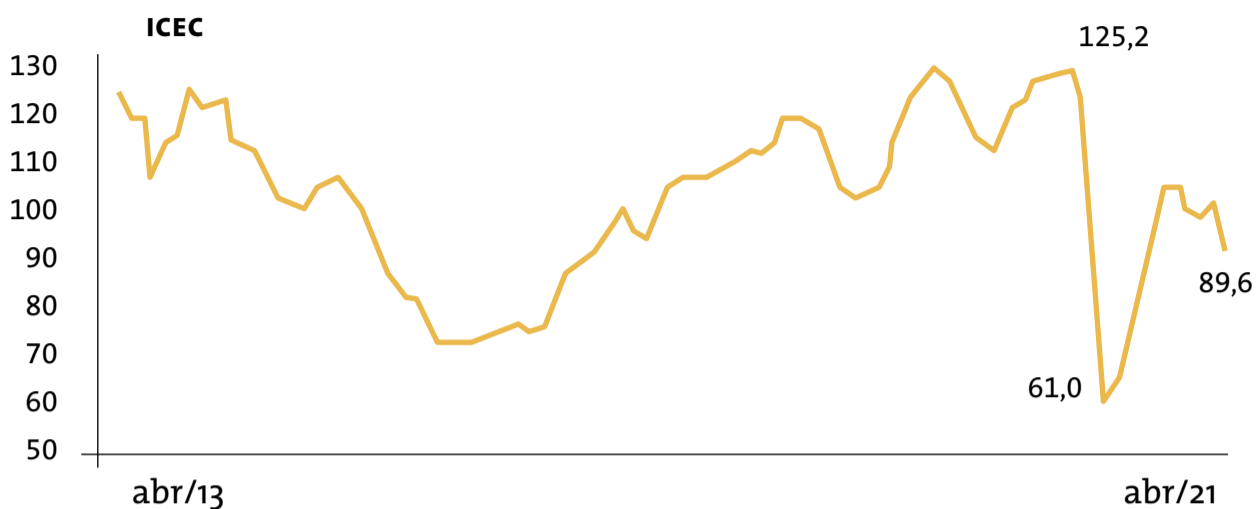
CONFIANÇA DO CONSUMIDOR (ICC) DA FECOMERCIO-SP



A confiança do consumidor caiu rapidamente (-26 %, de fevereiro a março) durante o começo da pandemia, como era o esperado. Mais recentemente, com as medidas de mitigação dos danos e a gradativa retomada da atividade econômica, era natural que a confiança voltasse a subir de forma gradual. De julho até o fim do ano, a confiança foi gradativamente se recobrando, mas a partir de março e abril, houve quedas; o último dado, de abril, mostrou perda mais severa de confiança: -7 % entre abril e março. Os sinais de recrudescimento da pandemia e seus efeitos impactaram fortemente o consumidor, e este quadro não deve mudar tão cedo – apenas com mais evidências de que o pior momento de contaminações tenha ficado para trás. É muito provável que a recuperação mais consistente só venha na virada para a segunda metade do ano, mas deve vir em razão do suposto avanço da vacinação.



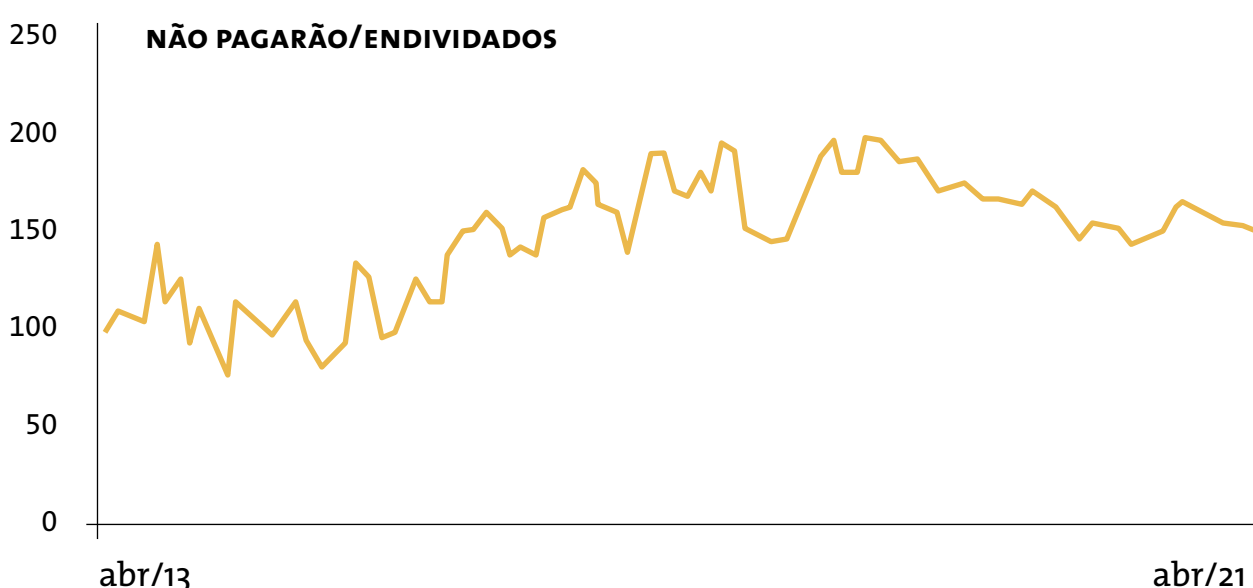
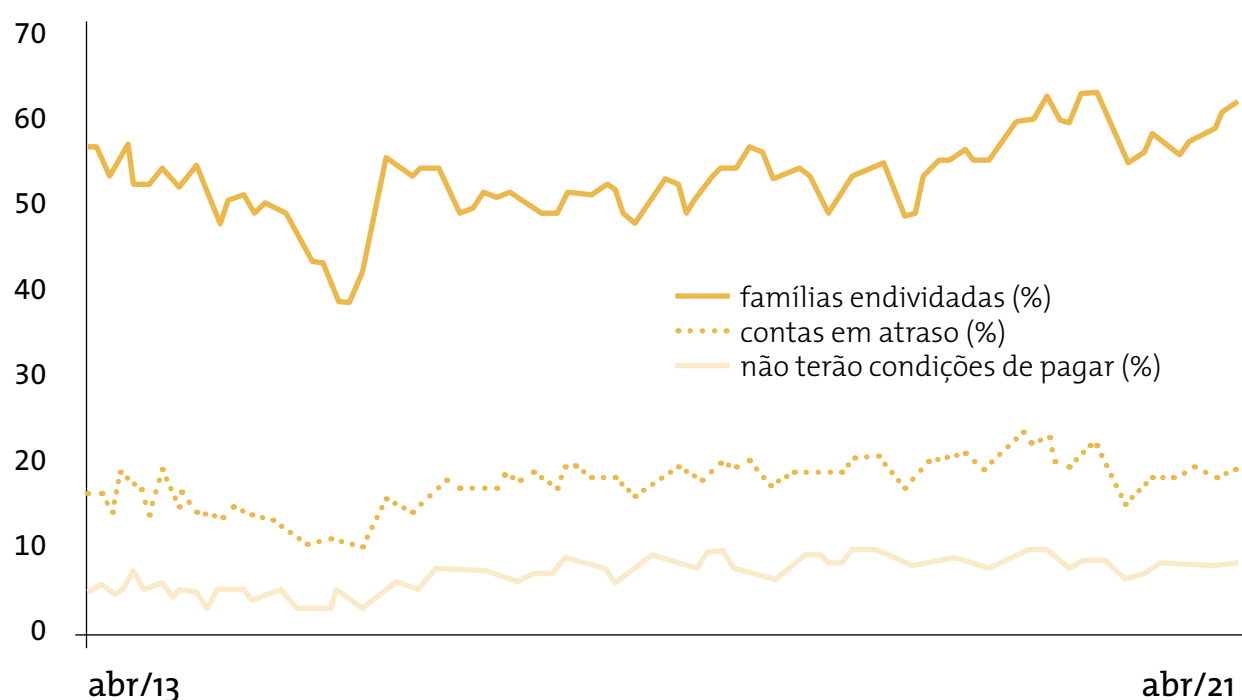
CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO (ICEC) DA FECOMERCIO-SP



A confiança dos empresários do comércio, medida pelo ICEC da **FecomercioSP**, assemelha-se ao que se vê com o consumidor, mas com intensidades diferentes. Os empresários estagaram as expectativas desde o começo do ano, interrompendo uma curva de rápida recuperação. Além disso, a confiança é uma para supermercados e materiais de construção e outra, bem mais afetada negativamente, para setores como vestuário, por exemplo. Na margem, em abril, a queda da confiança dos empresários se acelerou para 9%, indicando a percepção negativa de momento, que somente será revertida quando houver mais certeza do controle definitivo da pandemia, além da possibilidade concreta de retomada das atividades sem riscos de retrocesso posterior.



ENDIVIDAMENTO – SP



De forma geral, desde 2018, o endividamento vinha subindo, com o movimento se acelerando no ano passado, em decorrência da redução dos juros. Era esperado que isso fosse acontecer. Por enquanto, o volume de crédito ainda cresce, ao passo que a inadimplência proporcional está caindo. Não há sinais de descontrolado nem de risco sistêmico, mesmo com uma taxa de desemprego elevada, em termos históricos, no Brasil. Nada mudou no último mês, a não ser um número maior de endividados, mas com menos risco iminente de inadimplência. Vale acompanhar a variável de emprego, que tem forte influência sobre a capacidade de honrar dívidas.



PROJEÇÕES

VARIÁVEL	2020	2021		
		OTIMISTA	PROVÁVEL	PESSIMISTA
IPCA	4,4 %	4,5 %	5,5 %	6,0 %
Selic – fim de período	2,00 %	4,50 %	5,50 %	6,00 %
Taxa de câmbio – fim de período	R\$ 5,20	R\$ 5,40	R\$ 5,60	R\$ 6,00
Balança comercial	US\$ 51 bi	US\$ 45 bi	US\$ 35 bi	US\$ 30 bi
Conta corrente	- US\$ 5 bi	- US\$ 20 bi	- US\$ 30 bi	- US\$ 40 bi
Produção industrial (% crescimento)	-4,5 %	3,0 %	2,0 %	1,0 %
Varejo Brasil (% crescimento)	-1,5 %	3,0 %	2,0 %	1,0 %
Varejo São Paulo PCCV (% crescimento)	-3,2 %	3,0 %	2,0 %	1,0 %
Massa de rendimentos – SP	-5,0 %	2,0 %	1,0 %	0,0 %
Massa de rendimentos – BR	-4,0 %	2,0 %	1,0 %	0,0 %
Volume de crédito – PF	-5,0 %	10,0 %	7,0 %	5,0 %
Déficit Fiscal Primário (% do PIB)	11,0 %	2,0 %	2,5 %	3,0 %
Dívida Pública Federal Bruta (% do PIB)	89,0 %	90,0 %	92,0 %	93,0 %
PIB (% crescimento)	-4,1 %	3,0 %	2,5 %	2,0 %

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Tesouro Nacional, Banco Central do Brasil (BCB) e **FecomercioSP**

Cálculos: Scopus Consultoria

Acima, a tabela considera os possíveis cenários para 2021, com base nos dados setoriais e financeiros disponíveis no momento da confecção deste boletim.

conclusão



Neste momento, parece que a Europa começa a sair do pico recente de contaminação e mortes, assim como os Estados Unidos. Por outro lado, grandes economias, como Brasil e Índia, vivem um momento delicado do ciclo da doença. O maior problema no País, especificamente, é que a pandemia não passou com a mudança de ano, e, pior, há sinais de mutações agressivas de vírus, ao mesmo tempo que o processo de vacinação caminha muito lentamente. Os meses de março e abril tendem a ser os piores, e especialistas apostam somente em uma efetiva redução dos números de contaminações e mortes a partir de maio. Houve um repique muito forte da pandemia, que comprometeu a economia entre janeiro e maio, praticamente o primeiro semestre todo – muito mais tempo do que se esperava ao fim de 2020. Com isso, a **FecomercioSP** vai confirmando suas projeções de um primeiro trimestre ruim e um segundo trimestre ainda muito desafiador.

Para a Entidade, o primeiro semestre será, de qualquer maneira, fraco, justamente por causa dos efeitos da pandemia, que se estenderam por mais tempo do que o previsto no fim do ano passado. Recuperação mesmo, se vier, apenas na segunda metade do ano, com magnitude dependente das condições de equilíbrio macroeconômico existentes. Atenção especial no momento para a negociação do orçamento deste ano, que contém riscos relevantes ao equilíbrio fiscal e ao teto de gastos.

PRESIDENTE

Abram Szajman

SUPERINTENDENTE

Antonio Carlos Borges

FECOMERCIO SP

Rua Dr. Plínio Barreto, 285
Bela Vista • São Paulo

11 3254-1700 • fax 11 3254-1650
ri@fecomercio.com.br

www.fecomercio.com.br

PRODUÇÃO 

ABRIL 2021

Esta publicação é uma produção do Conselho de Economia Empresarial e Política (CEEP) da **FecomercioSP**, presidido por Antonio Lanzana e Paulo Delgado.